

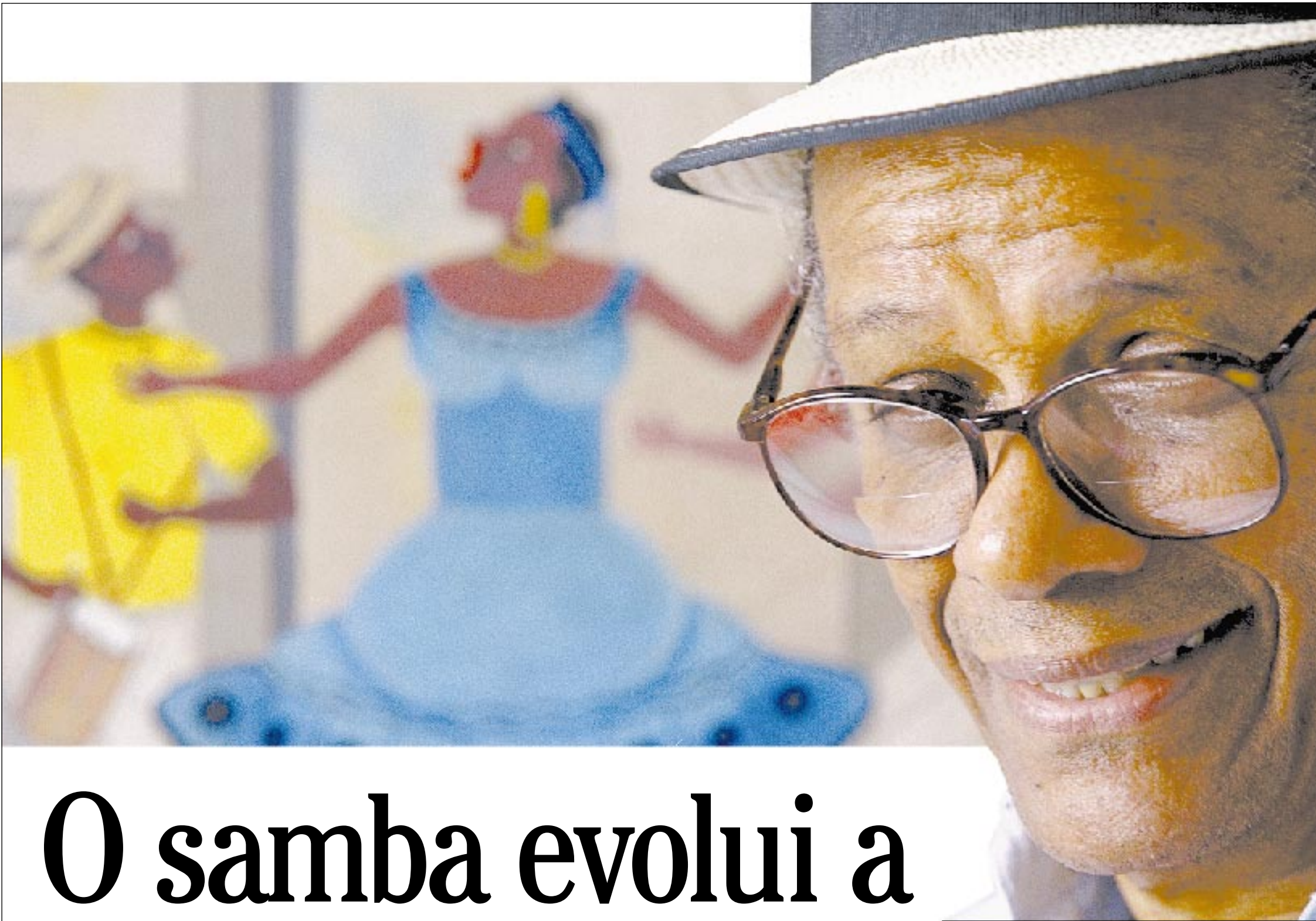
RioFanzine: As
muitas caras do
músico e produtor
Edu K • 4 e 5

SEGUNDO CADERNO

Musical: ‘Hoje é
dia de rock’
inspira show de
Gabriel Villela • 8

SEXTA-FEIRA, 5 DE MAIO DE 2000

Ana Branco



O samba evolui a partir da tradição

Elton Medeiros chega aos 70 anos e faz ponte musical entre o passado e o futuro

ELTON MEDEIROS posa em frente a um quadro do também sambista Heitor dos Prazeres: o compositor, que completa 70 anos em julho, sempre esteve ligado ao samba e à cultura popular carioca

Mario Adnet

Especial para O GLOBO

Perto de completar 70 anos bem vividos, em julho próximo, Elton Medeiros é um dos modernizadores do samba e um de seus maiores melodistas. Parceiro de bambas como Cartola, Zé Ketí e Paulinho da Viola, ele conta histórias como quem faz um balanço (bem ritmado) de sua vida, que se confundem com a própria história da música popular brasileira. O compositor, defensor da tese de que sem tradição não há evolução, é também responsável pela aproximação entre sambistas de várias gerações. Com formação musical eclética, de integrante de um dos corais infantis criados por Villa-Lobos a freqüentador dos concertos de Domingo da Orquestra Sinfônica Brasileira no cinema Rex, além bater ponto em gafieiras e bailes, foi trombonista, baterista e percussionista. Fundador de três escolas de samba, Elton Medeiros se tornou um autêntico porta-bandeira da preservação do nosso patrimônio musical.

• **RAÍZES:** “Papai tocava violão muito mal, mas era um exímio dançarino de salão. Por causa dele aprendi a admirar Fred Astaire e também a gostar de música. Ele se dedicava aos ranchos carnavalescos, que têm origem nos pastoris portugueses. Vários elementos do rancho foram encampados mais tarde pelas escolas de samba, como o mestre-sala e a porta-bandeira e a comissão de frente, formada pelos mais experientes da agremiação. Aliás, até há bem pouco tempo as escolas seguiam esse modelo. Hoje, comissão de frente só faz malabarismo. Essa é uma velha história que não me canso de repetir: quem conhece os fundamentos não mexe nos fundamentos e sim desenvolve. Não existe novo sem velho, é impossível alguém nascer sem um pai.”

• **MESTRES:** “Sou o caçula de dez filhos e minhas irmãs, bem mais velhas, estudavam no Liceu de Artes e Ofícios, que ficava na Avenida Rio Branco. Quando as aulas terminavam, elas traziam amigos para nossa casa na Glória para as noites dançantes que mamãe organizava. Ainda bem pequeno, cansei de ver Pixinguinha e Luiz Americano tocando num bar da Galeria Cruzeiro e Radamés Gnattali, na sala de espera do Cine Odeon. A música sempre esteve muito presente, em cada esquina das imediações da nossa casa. E assim eu respirava música e dança. Aliás o brasileiro está deixando de ser bom dançarino. Vejo moças que dizem que estão sambando, mas na verdade parecem mais enceradeiras, o pé não está dizendo nada, ficam peladas para provocarem um certo erotismo mas a rítmica não rola.”

• **SEU JOÃO:** “Quando ensaiava com a orquestra na Sema (Superintendência de Educação Musical e Artística, criada por Villa-Lobos) na década de quarenta, fiz amizade com o

‘Um parceiro impressionante’

Paulinho da Viola

• “Conheço o Elton há 36 anos mas parece muito menos tempo. A nossa parceria de música começou mais ou menos em 1965. Quando nos encontrávamos para compor a gente fazia música para valer, às vezes desenvolvíamos vários temas num mesmo dia. Uma vez deixamos uns cinco sambas quase prontos. Ele é um parceiro impressionante, você faz um acorde e ele já sai compondo uma melodia. São tantas as idéias que, se a gente não correr para registrar, elas acabam se perdendo.

“E tem outra coisa: adivi-

nhar o sentido harmônico das melodias de Elton. São tão sofisticadas que às vezes é difícil achar os acordes. Para descobrir os caminhos harmônicos dele, a gente tem que ter muita sintonia, muita afinidade. Mas o mais importante é o resultado, a beleza da composição. A música fica com o traço dele bem definido, ele é um compositor fantástico. Lembro da emoção que senti ao assistir ao encontro, no Zicartola, entre quatro grandes bambas do samba: Cartola, Zé Ketí, Nelson Cavaquinho e Elton Medeiros.”

Em depoimento a Mario Adnet

porteiro, Seu João, um senhor de idade muito simpático, que também era contínuo. Um dia a maestrina, D. Cacilda Barbosa, resolveu ensaiar pela primeira vez uma peça composta por ela, ‘Suite Brasileira’, e mandou um colega chamar Seu João, dizendo que precisava muito ouvir a opinião dele. Ninguém entendeu, por que seria tão importante a opinião de um porteiro? Quando ele chegou, D. Cacilda começou a tocar a música no piano e perguntou o que ele achava, se estava correto. Seu João respondeu que além de correto estava bonito. A essa altura todos estavam atônitos, entendendo menos ainda o que se passava. Foi então que ela revelou se tratar do grande violonista e compositor João Pernambuco. Fiquei tão encabulado que não consegui mais ser o mesmo com seu João”.

• **PRIMEIROS CARNAVAIS:** “Comecei a acompanhar o carnaval na Avenida Rio Branco, ainda muito pequeno, íamos com minha mãe à pé, da Glória até lá. Os ranchos passavam por ali, os blocos das repartições públicas, as grandes sociedades carnavalescas que foram criadas no tempo do im-

pério, os Democratas, Fenianos. Os carros alegóricos maiores vêm daí. Outro dia, ouvi uma apresentadora de jornal dizendo uma grande besteira, que o carro da Mangueira quebrou (no último carnaval) porque no Rio de Janeiro não existe *know how* de carro alegórico. Como é que pode alguém falar um absurdo desses sobre uma tradição que vem do tempo do Império?”

• **PRIMEIRO SAMBA:** “Meu irmão mais velho, Aquiles, era um líder natural entre as crianças e organizava blocos de carnaval. Era tempo da Segunda Guerra, ele formou um bloco de meninos e meninas. Nesse bloco meu irmão fazia as músicas e um dia ele me perguntou por que eu não fazia um samba. Eu já gostava de ficar cantarolando e resolvi arriscar. Tinha 8 anos, a melodia não era muito ruim não, mas a letra era uma colagem de coisas que eu ouvia no rádio e não fazia nenhum sentido, eram frases prontas do tipo ‘O Brasil é campeão, meu amor me abandonou’, que não tinham nada a ver entre si. Meu irmão me chamou de burro, disse que eu tinha que contar uma historinha. Ele ajudou a melodia e então fiz a tal historinha, o samba ficou legal e a garotada da rua saiu cantando. Naquela época para ser um compositor de bloco carnavalesco você tinha que começar na bateria. Se não soubesse tocar não poderia compor. Isso não é verdadeiro mas forçava a uma disciplina. Eu já tocava tamborim, surdo e também sabia fazer os instrumentos. Para sair na bateria a condição era saber fazer os instrumentos. Comecei a tomar gosto e a fazer isso todo ano.”

• **VILLA-LOBOS:** “Heitor Villa-Lobos sentiu no povo brasileiro a vocação para cantar junto. Infelizmente isso está acabando. Os ignorantes dizem que ele serviu à ditadura de Getúlio. Na verdade ele ocupou o espaço que lhe foi oferecido para realizar um grande projeto musical e social, e ao mesmo tempo quebrar vários tabus. É aí que eu começo, no canto orfeônico que era obrigatório em todas as escolas. O Villa-Lobos estabelecia um repertório e de três em três meses visitava as escolas ou mandava seus assistentes. Às vezes ele chegava com a banda da guarda municipal, que era maravilhosa. Era uma coisa emocionante que não existe mais, não vai haver mais. Quando chegava no dia 7 de setembro ele reunia os colégios no campo do Vasco com várias bandas e cantava aquele repertório. Ele se utilizava de datas importantes, de tudo o que fosse possível para botar a música na cabeça da gente. Um efeito desse trabalho foi a criação de vários conjuntos vocais. A partir daí você conta quantos apareceram como Anjos do Inferno, Bando da Lua, Namorados da Lua, Coro dos Apiacás, que era só de mulheres, sensacional, e foi criado pela d. Lucília Villa-Lobos, As Três Marias, As Moreninhas, Os Cariocas, Quatro Ases e um Coringa. Hoje só temos o Boca Livre, o MPB-4, Quarteto em Cy e o Arranco de Varsóvia.”

Continua na página 2

O SAMBA EVOLUI A PARTIR DA TRADIÇÃO • Continuação da página 1

Ao nascer, ele foi ‘carimbado’ para a música

Elton reclama de como o Brasil, um país com mais de 20 gêneros musicais, anda desperdiçando seu talento

Músico de banda na adolescência, Elton Medeiros tocou instrumentos de sopro como saxhorn e trombone antes de revelar-se como compositor. A seguir, ele recorda alguns outros personagens influentes em seu trajeto, incluindo Jamelão, primeiro a intérprete a gravar um samba seu, e o mestre Cartola.

• **BANDA:** “Quando fui para o colégio interno, depois do primário, é que tive contato com os instrumentos da banda. Queria entrar para a banda de qualquer maneira e estudei música para isso. Entrei tocando saxhorn barítono, que é da família do bombardino. Tocava muito dobrado, polca, marcha, valsa, aquele repertório tradicional de banda. Eu era o primeiro saxhorn barítono da banda aí pintou uma vaga na orquestra juvenil de estudantes que era regida pela Cacilda Barbosa, assistente do Villa-Lobos. Quando os alunos ficavam mais velhos, já perto da hora de deixar a escola, surgia a preocupação de dar continuidade, de procurar uma orquestra de baile para seguir tocando. Lá na escola o pessoal formava conjuntos de baile e eu queria entrar, mas tocando saxhorn não teria lugar. Então escolhi a bateria, por causa da minha intimidade com os blocos de carnaval e tratei de praticar o instrumento. Na verdade eu ficava mesmo era de olho no trombone, pela proximidade com o saxhorn. A digitação era muito parecida. Comecei a tocar trombone, emprestado da banda, e quando chegou perto da hora de sair da escola fiquei preocupado porque não tinha dinheiro para comprar o meu próprio instrumento. Meio desanimado, conversando com um maestro depois de



ENCONTRO DE bambas do samba no fim dos anos 70: Candeia (à esquerda), Elton Medeiros, Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito

um baile, falei que iria abandonar a música e ele disse: ‘Meu filho, se você já tocou até aqui é porque você já nasceu carimbado não pode abandonar a música. Se você fizer isso ela vai bater em você durante toda a sua vida’.

• **TALENTOS:** “Uma vez um sueco me disse: ‘Vocês jogam fora porque têm demais’. Ele se referia à quantidade de talentos que o Brasil produz e não aproveita. Temos muito

mais de 20 gêneros musicais. O brasileiro vira as costas para tudo que tem de bom, para fazer coisas que não sabe direito o que são. É o poder econômico que dita o que nós vamos consumir porque eles fabricam os produtos e querem vender. Se você faz diferente é aliado. Isso não é uma questão de saudosismo não. Vemos milhares de garotos por aí com um valor extraordinário fazendo música instrumental, samba, música da melhor qualidade. Se não se dá uma oportu-

nidade a um garoto desses, daqui a pouco ele joga tudo fora e vira outra coisa.”

• **JAMELÃO:** “O primeiro cantor profissional que gravou uma música minha foi Jamelão, acompanhado pela Orquestra Tabajara. Era o samba ‘Falta de queda’, em parceria com Ari Valério, o Ari Pingafo, que era presidente da ala dos compositores da escola de samba Aprendizes de Lucas. O samba fez mais sucesso como samba de terreiro mas

mesmo assim me abriu portas. Fui ao programa Caleidoscópio do Carlos Frias, na Rádio Tupi, que tinha um auditório de 2.500 lugares que lotava todos os domingos, onde tocavam algumas orquestras como a Tabajara e a orquestra do maestro Carioca, da qual fazia parte o futuro maestro Moacir Santos. Os cantores eram Jamelão, Ademilde Fonseca, Dircinha Batista, Roberto Silva, Dalva de Oliveira, Elizeth Cardoso, só nome grande. O programa ia das 17h às 20h e às

19h30m o elenco parava de cantar e entrava uma escola de samba convidada, que tinha seus sambas cantados pelo Jamelão acompanhado da orquestra e da bateria da escola. Fui como auxiliar de harmonia, com apito na boca e tudo, para conduzir o pessoal. Combinei que todos fossem de branco. Foi então que Jamelão cantou o meu samba e disse que ia gravá-lo. No final do programa, Ary Barroso, que estava assistindo, veio me cumprimentar, apertou minha mão e disse: ‘Foi a melhor escola que já veio aqui e a mais limpinha’. Desde o primeiro momento em que conheci Jamelão ele sempre foi muito distinto. Não entendo a ausência do Jamelão nas rádios, televisões, na mídia em geral. É o cantor de samba mais importante de todas as escolas e ninguém fala nada disso, só no carnaval. Isso é uma forma perversa de se tratar um grande artista brasileiro.”

• **CARTOLA:** “Heitor dos Prazeres era amigo de meu pai e freqüentava a nossa casa. A primeira vez que ouvi falar em Cartola foi através dele. Eu era garoto e achava engraçado alguém se chamar Cartola. Passei a prestar atenção nele e ouvindo as suas músicas da época, como ‘Divina Dama’ e ‘Tenho um novo amor’, descobri que ele fazia algo diferente dos outros. Alguns anos se passaram, nunca mais tinha ouvido falar dele, até que um dia escutei na rádio uma música que não conhecia mas me chamou atenção por ser diferente. Intuí que só poderia ser do Cartola e não deu outra. O locutor disse: ‘Acabamos de ouvir com Gilberto Alves ‘Sim’ de Cartola’. Mas só conheci Cartola pessoalmente na década de 60, através do Zé Ketí.” ■

NOTAS

Imagens num tributo à Lagoa

• Resultado de dois anos de andanças do fotógrafo Fernando Rabelo pelas margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, o livro “Tributo à Lagoa” tem hoje seu lançamento oficial, às 20h, no Clube dos Caiçaras. A publicação reúne 65 fotos do cartão-postal e 40 depoimentos de moradores ilustres da Lagoa.

• GABRIEL PREPARA LIVRO

Além de preparar-se para o show de lançamento de seu último disco, “Nádegas a declarar” (Sony Music), em apresentação única na próxima terça-feira, no Caneção, Gabriel O Pensador está reunindo em livro algumas de suas letras e poemas e textos inéditos. O cantor e compositor pretende lançar o livro, ainda sem título, no segundo semestre — no momento, Gabriel negocia o contrato com três editoras.

• REMIXES PARA OS BEATLES

Paul McCartney encomendou ao grupo The Super Furry Animals remixes de diversos clássicos dos Beatles. Eles irão funcionar, segundo a definição de McCartney, como uma “colagem sonora” para uma exposição de artes plásticas na cidade de Liverpool. Com curadoria de Peter Blake, o artista que fez a famosa capa de “Sgt. Pepper” dos Beatles, a mostra “About collage” será inaugurada no fim deste mês.

1º LUGAR NAS BILHETERIAS NOS EUA.

Bruce Willis Matthew Perry

“A Primeira Grande Comédia do Ano!
Hilariante e Irresistível!”

-Jim Svejda, KNN/CBS RADIO

“Um Cruzamento Entre ‘A Máfia no Divã’ e
‘Quem Vai Ficar Com Mary?’!”

-Louis B. Parks,
HOUSTON CHRONICLE



Nova York, ficção científica e aquelas funcionais fusões de soul, jazz e rock

A dupla Steely Dan influencia literatura e mantém o perfeccionismo

Mario Marques

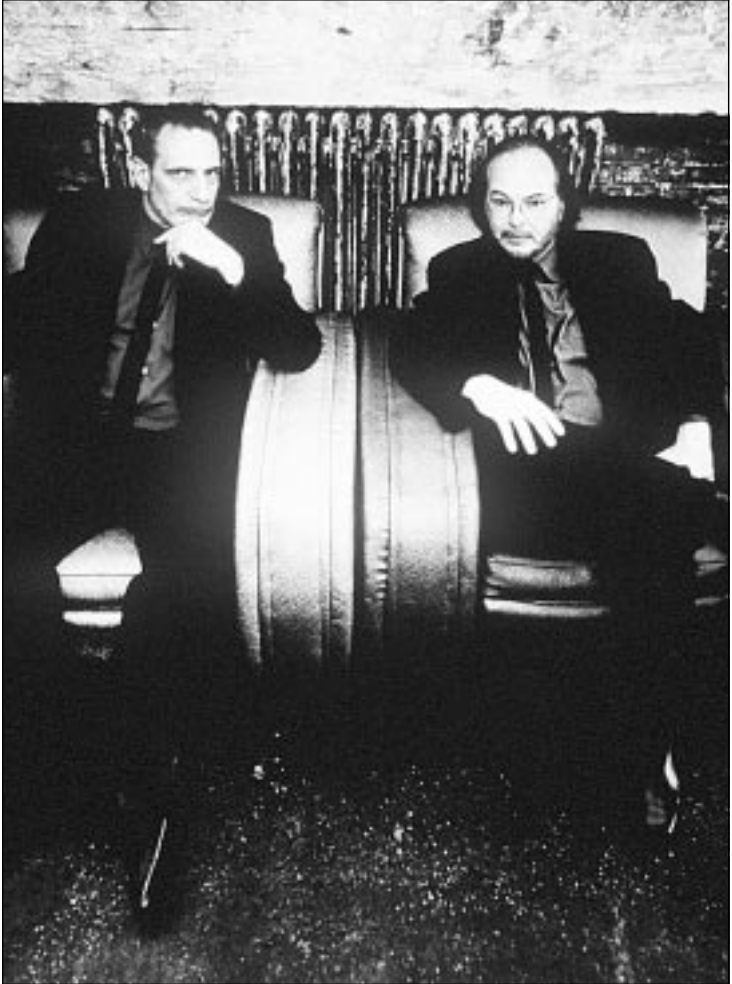
O escritor Rob Toth atesta que Donald Fagen e Walter Becker são velhos fãs de ficção científica. Os dois fundadores do Steely Dan adicionam ainda, como inspiração, 20 anos após o último disco de estúdio, “Gaucho” (80), os ares de Nova York, onde moram há três anos — a dupla iniciou a trajetória em Los Angeles em 1972. Está tudo no novo CD, “Two against nature” (BMG): o Gramercy Park, a Bleecker Street, Upper East Side; faixas como “Negative girl”, “Almost gothic” e “Janie Runaway” são usurpadas de personagens de Woody Allen. E há a outra ponta: os “seres estranhos na cidade”.

— Aqui é onde vivemos, é nosso ar de hoje. É claro que, na hora de compor, as letras incorporam essa atmosfera — admite o tecladista e cantor Fagen ao GLOBO, por telefone, de Nova York.

Escritor diz que duo influenciou William Gibson

Sobre os tais “seres estranhos”, Toth, que fez recentemente uma extensa reportagem no site oficial do duo (steelydan.com), diz que eles também influenciam a ficção. — William Gibson (*escritor do gênero que em 1984 cunhou o termo ciberespaço*) já usou nomes e lugares descritos em canções do Steely Dan — informa Toth.

O que vai por cima das harmonias sofisticadas do duo é puro glâre. O recheio das composições é que vale: ao longo das três últimas décadas, Fagen e Becker empilham, de forma personalíssima, soul, jazz e blues, com todos aqueles metais de que, num certo mo-



DONALD FAGEN (à esquerda) e Walter Becker: o frescor pop habitual

mento da música pop, um certo acid jazz usou e abusou. Uma navegação translúcida em algum vértice de Velvet Underground a Burt Bacharach.

— Mantemos a sonoridade porque acreditamos nela. Para que mudar? — indaga o guitarrista Becker, que assina as linhas de baixo de algumas faixas. — “Two against nature” é apenas uma criteriosa atualização do que já produzimos.

Tal fidelidade encontra eco numa quieta legião de fãs mundo afora, incluindo-se o Brasil, onde, aliás, a dupla, admiradora de Jobim e João Gilberto, não tem planos para se

apresentar. Curiosamente, Tom Zé, hoje um *must* no circuito alternativo de Nova York, fica de fora da lista.

— Tom Zé? Nunca ouvi falar, quem é? — pergunta Fagen, com certo ar de deboche.

— Ainda não temos contatos para ir ao Brasil — muda o tom da conversa Becker.

Desde 1998 Donald Fagen e Walter Becker lapidam “Two against nature”. Não por compromissos dos dois, mas por puro perfeccionismo.

— Queríamos extrair o melhor de nós mesmos — explica Fagen. — E nem sempre estamos nos melhores dias. ■

Lindomar volta sem demonstrar contentamento

Ex-rei dos boleros, cantor pede perdão pelo crime de 1981

Rení Tognoni

SÃO PAULO

Um pouco inseguro, com ralos fios grisalhos de cabelos amarrados por um elástico e um sorriso ainda sem graça no rosto, Lindomar Castilho esteve em São Paulo anteontem para divulgar o novo CD, “Lindomar Castilho ao vivo” (Sony). Admitiu não lembrar mais como se posa para fotos e claramente conteve os braços para não demonstrar felicidade.

— Estou feliz, mas nem tanto — disse.

Com o novo CD, Castilho quer voltar a ser apenas um cantor e deixar no passado a tragédia que interrompeu o sucesso de sua carreira. Em 1981, ele assassinou a tiros a ex-mulher, Eliane de Grammont, numa boate paulistana, e tentou matar o primo, Carlos Randal, na época namorado de Eliane. Foi condenado a 12 anos de prisão, mas, por bom comportamento, teve liberdade condicional decretada no fim de 1988.

— Quero pedir perdão à sociedade e a todos que de alguma forma magoei ou feri — disse ele, que até o crime era considerado “o rei do bolero”, com 27 discos gravados.

O cantor conta que reapareceu impulsionado pela filha Liliane de Grammont, hoje com 20 anos. Ela ficou cerca de 17 sem falar com o pai. Recentemente o visitou e pediu para que voltasse a cantar.

— Se essa volta não der certo, encerro definitivamente a carreira. Pelo menos, o perdão eu já pedi às pessoas — afirma o cantor. ■